

Arquivo pessoal

Arquivo pessoal



Jennifer da Cruz: "Hoje, principalmente em Brasília, existem inúmeros centros de estéticas especializados em pessoas negras"



A afroempreendedora Stéphane Lopes confecciona toucas de cetim para cabelos de mulheres negras

Estética, um grande negócio

Pesquisadora em estudos de gênero e raça, a professora de relações raciais e diversidade da Universidade de Brasília (UnB) Kelly Quirino aponta o avanço do afroempreendedorismo como alternativa econômica, cultural e social.

Para a pesquisadora, a modalidade reflete uma ótica de circulação de dinheiro entre pessoas negras. "Antes, essa prática era vista apenas como sobrevivência. Hoje, é a formalização dos trabalhos de pessoas negras, uma alternativa para a inclusão em um mercado que formalize profissões", afirma. "Além disso, contribui com o chamado black money, que é o dinheiro que circula entre as pessoas negras no mercado. Nesse sentido, prossegue ela, o black money surge como a função de alocar a concentração de renda e diminuir as desigualdades.

"O afroempreendedorismo busca sempre contratar e comprar de pessoas negras, o que faz com que as pessoas que estão sempre à margem financeira e social da sociedade sejam empoderadas e consigam se inserir com plenitude no mercado", completa.

Quirino avalia, ainda, que o afroempreendedorismo não tem somente uma proposta econômica, mas também cultural e social, fazendo com que pessoas negras ocupem espaço e sejam representadas em diversos segmentos do mercado de trabalho. "Apesar de observarmos um avanço frente ao racismo, as ações ainda estão muito segmentadas, uma vez que as vagas afirmativas têm muito mais focos no começo de carreira", afirma, lembrando que as pessoas negras que estão no meio ou no fim de carreira estão sendo subutilizadas.

A afroempreendedora Stéphane Lopes, 31, resolveu inovar ao ingressar no mercado fabricando toucas e outros acessórios de cetim com tamanho diferenciado para cabelos crespos avolumados. Lançou, então, a grife Preta Sim, com o slogan "a força do reconhecimento e orgulho racial". "Como mulher negra passando pela transição capilar precisava de acessórios que me ajudassem nos cuidados com meu black. A minha necessidade é a mesma de várias pessoas ao meu redor. O cabelo cacheado e crespo, muitas vezes, é esquecido pelas grandes marcas. Por notar esse falta, decidi trabalhar com toucas de tamanho "fora do padrão". Eu fiz à mão minha primeira touca e fronha de cetim. Usei por uma semana e decidi investir como negócio", conta.

Segundo ela, a estratégia básica do empreendimento consiste

NOVA ORDEM

Empresas terão de incluir raça e etnia nos registros administrativos

» O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou e publicou, na semana passada, lei que, ao alterar o Estatuto da Igualdade Racial, prevê a inclusão de informações sobre raça e etnia de trabalhadores nos registros administrativos de empregados dos setores público e privado. Segundo o Governo Federal, a nova lei representa "um importante passo na promoção da igualdade étnica e no combate às desigualdades sociais resultantes do racismo".

» Publicada no Diário Oficial da União de segunda-feira (24), a Lei Nº 14.553/23 prevê, ainda, que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) faça, a cada cinco anos, pesquisa para mensurar o percentual de

ocupação desses segmentos no setor público. Com essas mudanças, o governo pretende "produzir informações que permitam superar estigmas raciais na sociedade brasileira". Em nota, o Palácio do Planalto acrescenta que, ao conterem campos destinados a identificar o segmento étnico e racial do trabalhador, os registros administrativos poderão subsidiar a implementação de políticas públicas.

» Durante as celebrações do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, o governo anunciou a decisão de destinar um mínimo de 30% dos cargos em comissão e funções de confiança da administração federal a pessoas negras.

em elevar a autoestima, empoderar e incentivar o cabelo natural cacheado e crespo. "Penso que os afroempreendedores formam uma grande família, e participando de eventos com expositores negros, esse laço se fortalece, possibilita trocas, compartilhamento de experiências e ideias. O famoso network com os seus tem valor inestimável", afirma.

Paralelamente, Stéphane procura enfrentar o racismo da melhor forma possível, na base da amizade. "Muitos dos meus clientes se tornam amigos, e muitos amigos se tornam clientes. Diversas vezes fui fortalecida por ambas as partes. É, de fato, uma luta diária enfrentar o racismo, mas juntos, coletivamente, nos tornamos mais fortes e corajosos", ensina a

realizadora, que começou embalando as peças em papel de pão.

Também afroempreendedora, Jennifer da Cruz, 33, trancista há 17 anos e empreendedora há cinco anos, sempre garantiu seu sustento cuidando dos cabelos de outras mulheres e homens negros. Para ela, mais que uma estratégia de enfrentamento à susceptibilidade econômica e social inerentes à população negra, o afroempreendedorismo implica diretamente na valorização do trabalho. "Dessa forma, o dinheiro passa a circular entre a gente", diz.

Jennifer acredita que essa modalidade de empreendimento em sua área de atuação, sobretudo para os afrodescendentes, vem ganhando espaço nos últimos anos. E que a tendência é se firmar ainda mais no mercado. "O afroempreendedorismo cresceu principalmente dentro da estética e cuidados com a pessoa negra, coisa que antes não se via por causa do racismo. Hoje, principalmente em Brasília, existem inúmeros centros de estética especializados em pessoas negras.", afirma. "Quando entramos no mercado de trabalho, nosso cabelo é visto pelas empresas como 'antiprofissional', e muitos perdem vagas e oportunidades. Por isso, o afroempreendedorismo é tão importante, pois quando contratamos pessoas negras faz toda a diferença", completa.

*Estagiária sob a supervisão de Jäder Rezende